



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

ZÉ DESCEU!

Marcos Roberto Inhauser

Os brasileiros se acostumaram a ver a figura do Zé Dirceu, com sua fala caipira arrastando os erres, em quase tudo quanto é evento do PT e do governo Lula. Desde que foi guindado à condição de Presidente Nacional do PT, a sua presença, fala e diagnósticos se incorporaram à vida política nacional.

Na oposição, junto com o Genoíno, eram vozes ácidas e críticas de tudo quanto os governos a que se opunham faziam, não hesitando em pedir CPIs a torto e direito e a entrar com ações de inconstitucionalidade.

Eleito o Lula, o Zé Dirceu se tornou onipresente. Estava em tudo: de nomeação de ministros ao terceiro escalão, nomeado presidente de quase todas as Comissões e Conselhos que se criavam, lidava com todos os temas, desde cesariana até motor à explosão.

Atropelado parcialmente pelos fatos do Waldomiro Diniz, ficou machucado, mas não foi à UTI. Andou de muletas algum tempo, mas aos poucos foi ganhando desenvoltura e voltou à cena, ao ponto de interferir (ou duplicar) ações do Itamarati, indo conversar com Fidel, Hugo Chávez e Condoleeza Rice.

Sua desenvoltura levava-o a se sentir confortável em abrir “fogo amigo” ao ministro da Fazenda e ao Presidente do Banco Central.

Como bom trator-de-esteira, ele não pensa duas vezes em tirar de sua frente quem não está totalmente alinhado com sua estratégia política. Pessoas mais ligadas ao PT e conhecedoras de certos meandros da política interna o indiciam como sendo o responsável pela “queima” de vários quadros importantes e com os quais não sentiu que houvesse alinhamento: Airtton Soares, Jacó Bittar, Buaiz, Heloísa Helena, Babá, Luciana Genro, Marta Suplicy e outros. Há quem veja o dedo dele nas eleições municipais em Campinas, quando o candidato do PT, o Zica, não teve o mesmo apoio explícito que o eleito, Dr. Hélio, teve. A independência do senador Eduardo Suplicy poderá lhe custar caro, uma vez que já se plantam notícias de que o mesmo não teria a candidatura garantida ao Senado, sendo esta negociada em uma possível aliança com vistas à reeleição. A tal ponto chegou a sua desenvoltura que, no discurso de saída do ministério, ele se referiu ao governo Lula como “meu governo”.

Este político, treinado nas técnicas de guerrilha, parece que se deslumbrou com o poder. Cabeça erguida e nariz empinado, tinha nas mãos todos os ingredientes e instrumentos para “entronizar” e “fritar” quem quisesse. A sua exposição era tão grande, que se tornou uma imensa vidraça: qualquer estilingada quebraria seus vidros. Não deu outra. Uma pedra atirada por um dos que ele trouxe para a base de sustentação do governo, sabe-se lá por qual razão (e que não foi amor patriótico nem por consciência, disto todos temos certeza), foi o suficiente para tirar o todo-suficiente dos píncaros da glória onde estava e devolvê-lo à planície dos mortais.

O Zé Desceu. Desceu da glória e do palco do poder, onde os holofotes o davam como hábil articulador político para a planície dos acusados de articular excusamente. O Zé Desceu da virgindade ética para a possibilidade do relacionamento promíscuo. Só espero, e nisto creio que todos esperamos, que ele não venha a ser o “Zé Desceu da fama para a lama”.